

o verbo

ENCANTADO

Número 17

Fevereiro de 1972

PARA OS COMUNICANTES APAIXONADOS

O Verbo circula
todos os sábados
encartado na
Tribuna da Bahia
nos Estados da Bahia
e Sergipe, onde não
pode ser vendido
separadamente

Verbo que é um jornal
de circulação regional
seu preço estabelecido
para os demais Estados
inclusive Rio e São Paulo
onde é vendido por
Cr\$ 1,00

PÁGINA DE LUCIANO FIGUEIREDO E OSCAR RAMOS. FOTOS DE SABONETE FOTO DE CIÇA POR IVAN CARDOSO

IVAN CARDOSO

APRESENTA



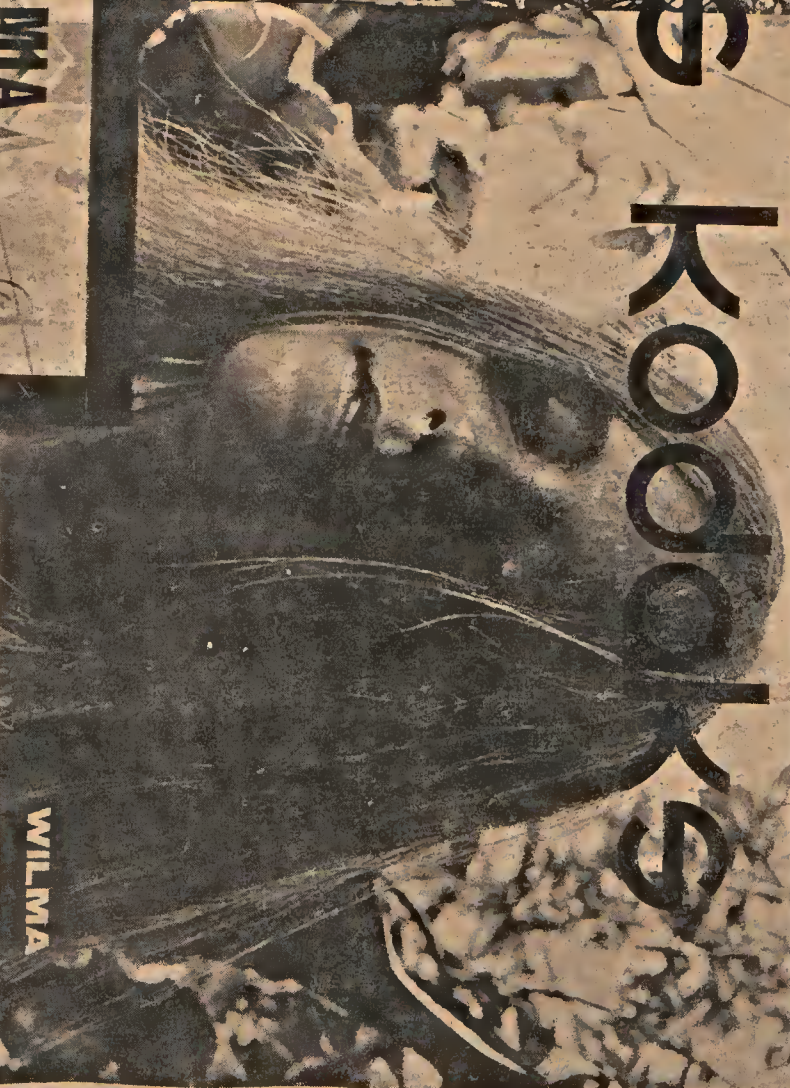
torquato



Porquidiano e Kodak



TORQUATO



WILMA



A MÚMIA

ze portuques e wilma

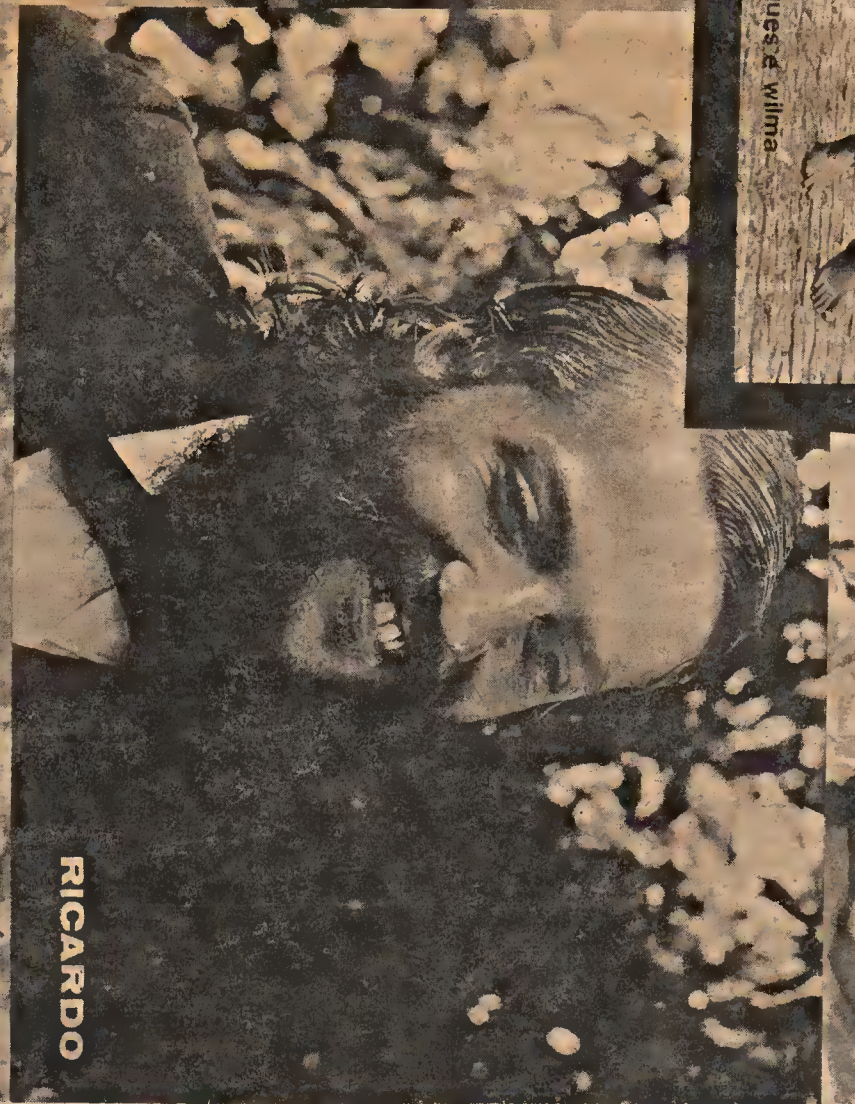


HELENA

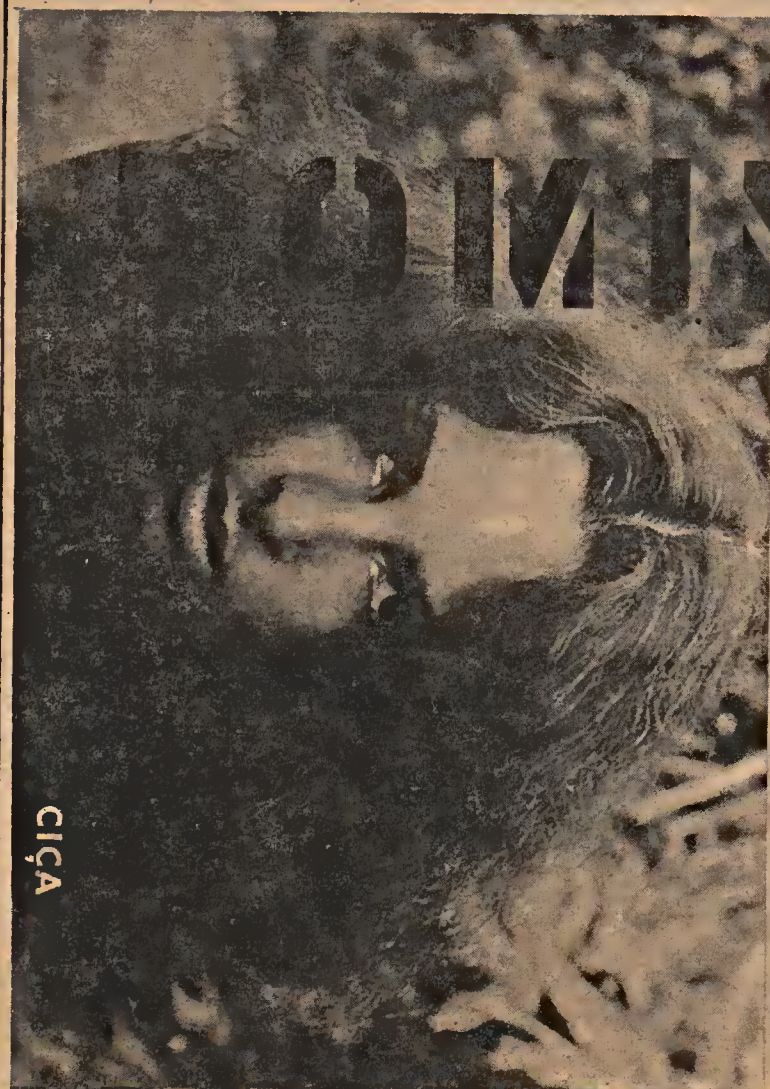
UMINO NEGRO



JORGE



RICARDO



CIÇA



ÓSCAR



EDITORIAL

O VERBO no VERBO consiste em muito dinheiro, em ganhá-lo, pra isso juntam-se pessoas as mais capazes, refiro-me como tal ao eminente Dr. Luís Café da Silva, pessoa da minha mais alta estima. Álvaro Guimarães, o nosso Alvinho, que com docura está sempre resolvendo os maiores problemas. E como ambos colaboram com muleques tais quais Armindo Bião, Carlos Ribas & Ribamar, Luciano Diniz, Edilson, Dilson nosso son e o elegante e culto Atenodoro Ribeiro, Talentoso diretor de Teatro como quase todos os já citados. E Nêgo Nizinho, desbundante desbundando. Ahh! e Tony Saback e Ciomara Paim Couto. E Benedita bendita e dita e tida de todos musa. Os maravilhosos fotógrafos: Ricardo Lisboa, Deca, Emanuel Macedo, Juca Gonçalves, uns no dia a dia e outros eventuais como Diógenes, Vadoca, e este que agora vocês lêem que também escrevinha sofridas reportagens e entrevistas e etc. que enchem as páginas deste Verbo que de ENCANTADO passou a ENCARTADO.

Waly Waly e todas as outras musas que invocamos à antiga de nós mesmos. O mais é correr atrás do tempo como desesperados numa luta contra ele antes que seja tarde demais. E Marco Antonio um apolo de sensibilidade e requinte no ouvir só som e escrever bem como J.C. Filho, Queira, Querido. Pedro Karr, gostosura & gostosura que pra desgosto de todos não tem sido mais frequente. Sim, o mais é amar e lutar e guerrear na construção do novo cotidiano como diria Chico Buarque que breve pintará com transbundante material. Bêu, que paga pena de usar a pena sem pena. Gavazza que pintou, desenhou e sumiu mas que todos gostaríamos de ter de volta. Quanto a mim, não posso dizer o que sou. Apenas, assino MACHADO DE ASSIS.

A — Por pouco tempo, tempo para amar, tempo para morrer, e morrerei quantas vezes for, para que nasça, ela deslumbrante camélia na janela. O material de Gumé, Roteiro do Que foi Contra, ouriçou. Atendi dois telefonemas debochados.

Também o verão. A figura de Caetano chupando manga no Verbo. Ele veio de tarde e nos visitou com Dedé e Nando; veio acarajé e abará, foi festa como é todo dia. Caetano visitando o Verbo. Marcinho manda A TRIBO de Brasília pra gente. Um jornal como o nosso, bem simples, bonito, transado. Podia se ocupar das flores do seu planalto, porque outras nascem por aqui. E cada qual com o seu cada qual. Salve a TRIBO e sua gente.

B — A cantora americana vem depois do comercial. As fotos passam e passam por nossas mãos. Imagens, situações, o mundo universo. Jorge Salomão vem no Verbo — ele vai dirigir Luís Gonzaga em espetáculo produzido por Benil Santos (Capinam está na transa) mais Oscar Ramos e Luciano Figueirêdo. Chacal trabalha com Bêu na página.

C — Lázaro, levanta-te e anda. Lázaro, levanta-te e anda. Paz, mesmo para os mortos que precisam tanto. Os mortos assustam a quem se assusta com assombração. Os mortos estão em todas, quase, e por isso mentem e injuriam, ninguém pode fazer nada, muito menos um jornal, porque morto é que vai para longe, virou pó, poeira, nada. Um vazio completo, o silêncio fatal. SILENCIO FATAL é como Luís Café responde aos mortos, tristes e pobres fantasmas. Café responde porque nós, os vivos, os vivíssimos, como todo rei, tem seu fantasma. E Lázaro apodrece na cova, sem Cristo que lhe ressuscite. Seu Cristo é o Verbo.

O Silêncio Fatal de Luís Café

VERBO 16 é da Casa de Deus. Por isto, muito respeito. Nego Nizio é um cara porreta. I like him. Aliás, hoje quero tirar um retrato. Um retrato de mim próprio. Nu. Lucidamente nu, para que todos me conheçam. Mas, isto é importante? Alvinho acha que é. Wally, fantástico, com um cheiro delicioso de chocolate, também acha. Também acha. Também acha. Deito-me, portanto. Tranquilo. Sereno. E silencioso. Nada mais quero dizer a ninguém. Por que dizer? Para que? Para quem? Por isto, não repito. PITO. Penso no Carnaval. Calmo. Sei que vou fazer al-

guma coisa. Nem que a mula manque. No-entanto, estarei sempre aguardando as coisas, para combatê-las quando não gostar. As vezes sou espectador. Muitas vezes não gosto nem de criar, nem de participar. É preciso sempre que a gente pare. Olhe. Veja o que estão fazendo. E se fazem besteiras, pau em tudo. EM TUDO. Sem se importar com nada, principalmente com berros. BERROS. Today, hoje, a resposta é o silêncio. Total. Fatal. Adoro a sofisticação. Luciano Diniz é sofisticado. E eu me amarro demais. Ele é internacional ONAL.

Que melhor editorial que a Raposa e as Uvas, a



fábula de La Fontaine, numa tradução de Bocage?

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes d'alta latada

De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: "Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!"

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia seu caminho,
E crendo que era um bago,
Volta depressa o focinho.



Papo de Athenodoro Ribeiro

QUALÉ? QUALE?

Qualé é culpa ou receio, por isso não queira saber. Qualé é um filme sobre astronautas. Culpa e receio. Não queira saber. . .

Ora qualé? um beijo na boca do inimigo. Eu te amo, tu me amas.

Ora qualé? eu me entrego enquanto sou verdadeiro. Por isso estou no meio do mato. Começamos a fazer filmes sobre estória de amor. O amor é na tribo.

Então as coisas acontecem como no cinema: bastante com censuras. O Corte persegue sempre na hora de falar: Taí eu fiz tudo pra você gostar de mim. O resultado é o mesmo de Lelouc. Mais um filme de Amor. Quanto a nós, a Lucidez é a única esperança. Enfim a Solidão dos atos. O trabalho é a ignorância do ócio. Usa sofrimento, corte, lágrimas, esperanças. DE HOJE EM DIANTE SEREMOS BONS E PUROS; COMO OS ANJOS. . . teatro para quem precisa de teatro, como quem precisa de religião. A Comunhão dos ATOS. Ato 1: Qualé é o mesmo que o ser ou não ser. Existencial, difícil. A nossa vida é uma valsa. . . um chorinho. . . um oh!

Ato 2: Qualé é está com Deus. Nós agora não estamos mais com medo. Estamos com Deus.

Ato 3: Qualé É a nossa Lucidez. O Jornal da Cuca! O resultado da Cuca. Se Vire, mesmo assim meu amor. Meus Anjos. Nunca Mais. Adeus.

Ato 4: Passagem para o 2o. Ato: Mudar de roupa. Vestir de novo. A Maquillage é de quem quer se mostrar. Por Dentro, Se Corrigi em Cena. Opera clara que caminha. Para trazer um nosso novo ritmo. Ainda muda o natal e mudamos nós. Novamente revelar a cuca. Banhar-se em ritmo de festa. Vêde a festa-Verão.

Verbo, vêde o Show de Caetano, afirmam que ele esteve chorando. A meia-noite os Novos Baianos. Menos calados. Como um baile de carnaval. Enfim um bloco vivo que se reúne no Verão. A Bahia é a lavagem da Cuca. Novamente trazer a cuca. Quem já sofreu esqueceu. Ónada como um dia atrás do outro. A lei da natureza. Quem és tu? O outro irmão que eu tenho. Acredite tanto quanto eu. Principalmente em DEUS. Que seria de nós se tudo não fôsse assim? Eu ia pra Maracangalha, eu ia. Maracangalha vem de outra região. Menos Visitada. Também solitária. Cuidado, talvez. A Inocência é Loucura. Eu me dou muito bem. Salve aquilo de que não se tem queixa. Até mais.

ATO FUTURO: A simplicidade, meio de vida espiritual. A comunhão do pensamento; A Lucidez!

ATO PRECISO: Não Concorde. Alimente o teu pensamento. E L E é o porta voz do teu espírito.

No Céu. . . No Céu
Contigo estarei. . .

REVENDO AMIGOS (VOLTO PRA CURTIR)

A título de esclarecimento: A morte neste jardim ou a paróquia cultural que habitamos.

1 — Não saiu nenhuma linha assinada por Waly Salomão ou pelo poeta Waly Sailormoon referindo-se diretamente aos Srs. Gustavo Dahl e Antonio Calmon.

2 — O poeta Waly Sailormoon chamou o Sr. Arnaldo Jabor de obscurantista, confirma sua declaração nestas linhas e garante que o Sr. Arnaldo Jabor sabe porque merece. Paulo Cesar Sarraceni e Antonio Carlos Fontoura são testemunhas dum ato de rapina at Carneiro's.

Na longa marcha, o carneiro não sou eu.

3 — Ninguém duvida:

a — Caetano Veloso é uma pessoa;

b — Waly Salomão ou o poeta Waly Sailormoon é outra pessoa.

Logo:

4 — Não me confundam com ninguém — não é elogio nem descrédito — é um erro:

a — Torquato Neto é uma pessoa;

b — Ivan Cardoso é uma pessoa.

Logo:

5 — Achar Torquato Neto um dos mais importantes poetas e adorar os filmes de Ivan Cardoso quer dizer:

Waly Salomão ou o poeta Waly Sailormoon só assina em baixo do que escreveu.

6 — Não confundo Arnaldo Jabor com Zuenir Ventura. Aguardem meu depoimento pra Visão sobre Semana de Arte Moderna. Viva Zuenir Ventura.

7 — Não confundo:

Viva Glauber Rocha.

Conheço os artigos de Glauber desde a revista Mapa, Suplemento Diário de Notícias Salvador, revista e jornal Movimento, Livro de Cabeceira de Mulher, Senhor, Civilização Brasileira, prefácios, Revisão Crítica do Cinema Brasileiro — livro Deus e o Diabo — entrevistas internacionais.

Nos meus textos existem referências constantes ao Glauber: HOMMAGES. Luz atlântica como marcha das utopias. Adoro, vi(walucinado) Barravento e Deus e o Diabo e Terra em Transe. Me formaram. São os sedimentos centrais que compuseram minha imaginação (Plano para pesquisa: Arqueologia da minha imaginação). Revi em 71 todos os 3. Quando seu Lobo deixar, preciso ver os outros.

71, início 71, bati alguns papos delirantes com Glauber e numa situação de bloqueio total ao meu trabalho, Glauber escreveu dica pro Pasquim. Viva Glauber.

9 — Não confundam.

Glossário para ignorantes: Hélio Oiticica é dos maiores artistas latino americanos da atualidade.

10 — Caldeira do diabo. Odeio exaltações às cidades do interior.

Porque não me ufano, etc. etc etc.

11 — Sou sonsa, vagabunda-granfina never (não gosto de Fios d'ovos).

12 — Pelo telefone. Agradei a Cacá Diegues uma referência simpática ao meu trabalho feita em Domingo Ilustrado. Agradecimento sincero.

13 — Aterro. noite. dentro do carro.

Fios d'ovos exclama. Sem esperança eu não consigo viver.

Sailormoon (medula e osso na geléia

geral brasileira): Without fear nem esperança.

14 — Poeta: o poeta é um ressentido e o mais são nuvens.

Guerreiro: Ressentimentos passam com o vento leste.

Logo:

15 — Abaixo o bate boca.

A palavra de ordem é não aceitar provocações. Tenho a elegância de evitar o que me vem à boca: Gustavo Fios d'ovos.

Porque:

16 — Minha pretensão é bastante ambiciosa: arreezamento da escritura literária. Aguardem Me segura que eu vou dar um troço ainda este mes. Me segura — um produto irredutível.

Minha pretensão é bastante humilde: it's a long way: colher no ar a tradição mais viva.

Viva Haroldo e Augusto de Campos. Morra a ignorância.

17 — Waly Sailormoon é o jofeta despedido em mim que me revelou o estado miserável em que caí (Presidio Carandiru jan/fev 70).

Sailormoon sim, por que não?

Só prá chatear.

17 — Não me confundam:

Os papos da contra-cultura, underground hoje no Brasil são conformistas: Estou: Teresão, Cecilião, Phillips, Pasquim, Flor do Mal, Última Hora, Domingo Ilustrado, José Álvaro editor, Verbo Encantado.

Aguardem Naviloca.

Quero explodir (no, ao, o) meio.

18 — Imitando Caetano Veloso:

You d'ont know me.

19 — Continuo preferindo falar sobre



o excelente poeta jovem Cha-cal. Procurem conhecer melhor...

20 — Não voltarei a este assunto. Volto pra curtir revendo amigos. Lição de Oswald: o erro de ter medido seu avanço por alimárias como Bilac e Coelho Neto.

Lição de latim: perseverar no erro é próprio do estulto.

AVANÇAR

21 — Baixo astral, amizade, desbunde, careta, piração, vapor, barato, cutir etc...

Sou um produtor cultural ou seja um ser interessado na utilização eficaz da linguagem. Porque sou ligado. Utilizo as palavras supra relacionadas com parcimônia e carga de intencionalidade na linguagem escrita. (Porque sou ligado). Na linguagem oral como paródia.

Questão de método.

Por uma linguagem — pensamento de informação original.

22 — Sonho Jesuítico: vamos escrever e pensar melhor.



WALY
DEIXA A
MOCIDADE LOUCA.

PAPO DE SONIA DIAS

— A minha experiência de várias vidas em várias comunidades mostrou que havia muito o riso, a superficialidade; quando na verdade isso é apenas o início, o caminho do coração, pois aí é o interior mesmo, onde há o crescimento e o suporte de uma vida que as pessoas estão se predispondo a ter. Mas notava sempre que quando havia muito riso, a seriedade era muito pouca porque com o mínimo que, pesassem as situações as pessoas se dilaceravam, era o tempo que todo mundo ficava ouvindo som e dizendo tou na minha. E eu agora quero papo, saber o que se passa na cabeça das pessoas, é por isso que eu quero briga. Meu amor já está suportando essa briga. Não quero mais o sorriso das pessoas, quero o coração delas. A gente tem que partir pra entrega mesmo, pro grande amor. Chega de sorrisos!

— Tem muita gente que está na estrada e quanto mais tempo elas estão menos coisas elas carregam na mochila. E isso é muito sintomático, porque para quem anda realmente, as coisas exteriores ficam muito mais pesadas. A maioria dos toques que recebi me foi dado por essas pessoas, porque era muito diferente de como eles se portavam dentro de casa. Realmente eram muito mais livres, pois nunca incomodavam nem interferiam na vida dos outros da casa, ou seja a transa de liberdade, ser real, na medida em que cada um está se cuidando.

— Foi maravilhoso pra mim ter lido no Verbo III a entrevista de Timothy Leary. Eram coisas que ficaram mais definidas com aquela delineação dele, de que qualquer revolução só pode interessar depois de uma revolução interior, antes disso é apenas uma troca de poder. A gente já está criando um novo cotidiano, uma nova forma de viver. Há algum tempo atrás, em 69, fiz um filme com Serginho Maciel, PER ARDUA DE ASTRA (Com Força Para As Estrelas), que era exatamente sobre o novo cotidiano, e não chegou a ser terminado porque era apenas uma coisa sentida, não iniciada, quero dizer que é bem diferente as coisas que a gente vive na imaginação com as coisas da transa da realidade. Não quero mais saber da imaginação fértil, quero a transa com a realidade. A vida objetiva que tem. Isso sem limite. Acredito na cara de felicidade das pessoas para acreditar no que elas estão fazendo. Isso tudo pra dizer através da função que cada um exerce é que se pode adquirir uma independência. E ser um suporte para uma nova sociedade que está sendo criada. Agora no Rio trabalhei no JA e foi maravilhoso porque vi nascer e morrer um jornal. No ano passado foram criados seis jornais, desses apenas dois ficaram, o Domingo Ilustrado, porque é suportado pela grande empresa, e o Verbo Encantado porque foi iniciado dentro de uma situação real de Estado, Bahia. Muitas peças também foram feitas. Lembro das estréias de "Longe daqui Aqui mesmo", do show de Betânia e de Gal, a união das pessoas e a emoção em saberem que de novo alguma coisa estava sendo dita, que a inércia que tinha se abatido sobre a geral, estava tomando novo impulso. Lembro também que um dia quando eu dei alô pelo telefone pra Capinam ele me disse: eu quero é trabalho. Agora estamos pensando em fazer uma sala de projeção de superoitto, tem muita gente trabalhando nisso e fica limitado por não ter um centro onde os trabalhos possam ser mostrados. E uns filmes com Bigode, pessoa que quero trazer aqui ao Verbo, pois é maravilhoso. Recebi, hoje, um recado de Andy Warhol, através do Jorge Salomão: "Redescobri o cinema depois que vi umas fotos de Sonia Dias, Tentação Morena. Pintarei na Bahia para o carnaval". Quero deixar um lembrete para a moçada: Sailormoon é nome de poeta e Jorge Salomão não é hippy, é muso inspirador, ou vocês não assistiram o show de Caetano Veloso?

Sonia Dias
nossa estrela underground
atriz de cinema
Meteorango Kid
Caveira My Friend
e teatro
Obra do Governo
O Soldado e o Sacristão
Ali Babá e os Quarenta Ladrões
numa manhã de encantamento
soltou seu papo
seu Verbo seu Encanto
fez jornalismo: JA
jornal de Tarso de Castro.





MERCADO DO OURO

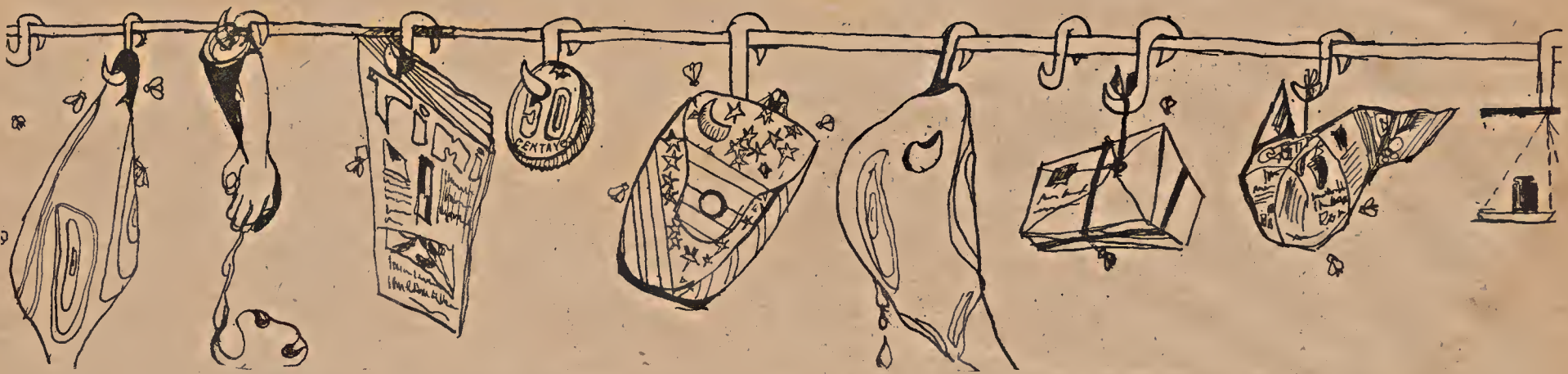
A Bahia dos mercados, reportagens visuais, históricas sobre históricos mercados qui pela sua existência, pela sua maneira de ser e de viver, criaram, criam um cotidiano, o cotidiano por trás das imagens, dos cartões postais. Uma imagem miraculosa de vida, social, astral, comunal, urbana, interiorana, cidadina, uma vida de estivadores, carregadores, negociantes-transeiros, vendedoras de comidas herdeiros do tempo colonial, do tempo de Pelé na televisão no cinema, vitrinas. O mercado fica de frente pro porto de todos os santos, na Frederico Pontes, abaixo do pilar, numa situação, num ambiente o mesmo ambiente de todos os mercados. Esse é do Ouro, embora venda cereais a grosso e a varejo, numa transação muito antiga. Tudo começou com um não muito pequeno barracão de madeira, depois a coisa foi crescendo se fazendo de tijolos suor e muque. e como 2 e 2 são 5, aranha vive do que tece, vê se não se esquece, pode crer como esse é mais um dos artigos vendidos no Mercado, aranha vive do que tece. É lendário o lugar, na verdade pra sacar o mercado, é necessário a existência da antropologia das lendas baianas, fontes únicas de uma cultura visual — oral. É ouro porque os negros pretos escravos, ali naquele lugar, transavam moedas de ouro e outras joias. É um patrimonial, Amado Bahia, o dono, o velho, o falecido, o primeiro dono deixou a herança pra família, qui não pode vender e sim alugar. A situação de estar perto do cais, incrementou o comércio, o transporte das mercadorias que chegavam ao porto feito pelas arengas, embarcações pequenas, planas, já em terra o transporte se fazia e ainda hoje se faz com as carroças puxadas pelos cavalos, claro também é, que hoje existe a Mercedes benz e toda transa dos pilotos de caminhão e sua sabedoria. O quadro é incrível absolutamente inesperado, carroças e mercadinho macrobiótico caindo de chiqui. Ainda falando nos transportes a linha é a seguinte, as embarcações, as carroças, os mercedes e as balanças, uma a Bonde dos Padres agora, Plano Inclinado Santo Antonio do Pilar, e os outros, o Gonçalves, e o charriot. A padroeira de lá é Conceição, mãe de nós todos e

da cidade também. Bernardo Assis um dos vendedores mais antigos mi contou qui lá chegou em 1918 já encontrando o mercado e suas lendas, ninguém sabe nada sobre as datas, quando começou quando fundou, em que ano, dia, mês e coisa e tal, sabe-se da sua importância como ganha-pão, transa de alimentos, desenvolvimento etno-racial e outros estudos, além da cotidiana passagem de gente transando, vivendo, trabalhando duro paca, nos momentos tranquilos, na folga do batalho, o dominó a dama, um papo, um sereno descanso nos braços do sono, do devaneio, do descanso mesmo, que o trabalho é taca, e o mercado é muito isso, ouro baiano, arquitetura colossal, meni, menus excelentes rangos excelentes, divinais, baratos, requintados, pobre, a 2 contos. Gosto do lugar, não faço relatos históricos, memoráveis científicos, histórias faz quem a faz, não quem as estuda minuciosamente, como se tratasse de relíquias e mortas, mínimas lendas, nada encantadoras vivas, com um rio que nunca disagua em mar nenhum. Acredito mesmo que só o mercado pode falar e saber de si, é legendário pela glória de existir livre das mumuinhas do século, sem desespero, sem medo, arrego, vivendo na base do acocho da grana, o mingau dos mininos, o feijão com arroz, sandálias de verdureiro, rodilhas de saco de farinha, açúcar, cebolas, e outros sacos, sem medo, nada esperam, além do que vem do mar nos barcos, nas estradas, nós caminhões, nas carroças, e mesmo assim, sorriem da ignorância que lhes cercam, dos esgotos, tranquilos esperam pelo carnaval, pela festa, pela dádiva graça recebida de ser como são, únicos, sem classes, besteiras, fuleragens, nem pequenos, nem médios nem grandes, são a maravilha por trás dos conceitos, das trevas, coloridos na sua negritude.

Nêgo Nizio

P.S. — E lá tem o Juarez com seu rango maravilhoso, um vinho Capelinha com galinha de xixim. E pimenta. E seu riso.





O BANQUETE

experimente depois de bem comer e bem beber ficar a conversar com seus convivas sobre o que poderia ser sobre o amor assim como conta Platão no diálogo Banquete que também muita gente chama de Symposium e que aqui vai trecho que você bem pode ler e juntar em sua cabecinha mais esses pensamentos para usar até ou só entender ou se interessar em ler todo o Banquete assim como todos os verbos por que o verbo é amar e o tema é amor e o amor

Sócrates — “Tu não podes, caríssimo Agátion, contradizer a verdade. Contradizer a Sócrates não é difícil! Vou, porém, dar por concluída esta discussão contigo, pois prefiro reproduzir-vos um discurso sobre Eros, que ouvi outrora dos lábios de Diótima, mulher natural de Mantinéia. Era uma pessoa sábia em muitíssimas coisas e foi ela quem conseguiu, por intermédio de seus sacrifícios, que a peste, que devia desabar sobre os atenienses, tivesse o seu início adiado para dez anos mais tarde. A ela devo o que sei relativamente ao amor.

“E, sobre isso, tentarei reproduzir-vos o que de sua boca ouvi; e valendo-me da discussão com Agátion, irei falando da forma que me é natural.

“Segundo bem disseste, caro Agátion, deve-se, em primeiro lugar, explicar qual a natureza e quais os atributos de Eros. O método mais fácil de atacar essas questões me parece ser o interrogativo, de que se valeu a estrangeira comigo.

“A minha conversa com a estrangeira foi mais ou menos como a de Agátion comigo: disse eu à Estrangeira que Eros parecia ser uma grande divindade e uma das mais belas cousas que existem. Ela não tardou, porém, em convencer-me justamente do contrário.

Sócrates: — “Que dizes, estimada Diótima? Que Eros é feio e mau?

Diótima: — Queres tu blasfemar? Julgas que o que não é belo deve necessariamente ser feio?

Sócrates — Julgo.

Diótima — E que o que não é sábio deve ser parvo?

Não vês que há um meio termo entre a tolice e a sabedoria?

Sócrates — Como?

Diótima — Não sabes que opinar acertadamente, sem disso poder dar justificação, não é saber — pois como se pode saber algo que repousa sobre uma demonstração? Mas que também não é tolice — pois

como se considera tolice aquilo que atinge o real? A conclusão é clara, por conseguinte: a opinião certa é algo que medeia entre o conhecimento racional e a tolice! Sócrates — Vejo que tens razão.

Diótima — Mas não é só isso. Deves te abster também de concluir que o que não é belo, é feio, e o que não é bom, é mau! Concedes que Eros não é bom nem belo, mas não podes saber o motivo pelo qual ele é feio ou mau. Deve haver entre esses extremos um intermediário.

Sócrates — Mas, grande Diótima, toda a gente concorda em que ele é um grande deus!

Diótima — Que queres dizer com “toda a gente”?

Todos os ignorantes, ou todos os sábios? Sócrates — Todos, tanto uns como outros.

Diótima — Como, caro Sócrates — disse ela rindo — poderão considerá-lo um grande deus justamente pessoas que afirmam que Eros não é um deus?

Sócrates — Que pessoas?

Diótima — Uma, tu mesmo ou outra, eu...

Sócrates — Como podes afirmar isso?

Diótima — Facilmente. Senão, responde-me: não pensas que todos os deuses são felizes e belos? Ou terás a ousadia de afirmar que nenhum dos deuses é belo e feliz?

Sócrates — Nunca, por Zeus!

Diótima — Quem são os felizes, para ti?

Os que possuem o que é bom e belo?

Sócrates — Exatamente.

Diótima — Bem; e quanto a Eros, concordas em que, por faltar-lhe justamente o que é bom e belo, ele deseja essas coisas?

Sócrates — Já te disse que sim.

Diótima — E então? De que modo pode

ser deus, se não participa do que é bom e belo?

Sócrates — Com efeito; parece que não. Diótima — Vês agora, que és uma das pessoas que não consideram Eros como um deus?

Sócrates — Mas então? Que é Eros? Um homem mortal?

Diótima — Não!

Sócrates — Que, então?

Diótima — Algo assim como a coisa que mencionamos antes: um meio mortal e imortal.

Sócrates — Como, Diótima?

Diótima — Um genio, um grande genio, caro Sócrates; pois tudo que é genio medeia entre deus e ser mortal.

Sócrates — E que poder possui o genio?

Diótima — A ele cabe interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses; a uns, as orações e os sacrifícios; a outros, os mandamentos e as recompensas das preces. Seu lugar é entre os dois, e por isso preenche o vazio que há entre uns e outros. É o liame que une o Todo a si mesmo. Graças a ele é que existe a divinação e também a arte dos sacerdotes relativa aos sacrifícios, às consagrações, às fórmulas sagradas, a todas as profecias, encantamentos, à magia em geral. Um deus, com efeito, não se aproxima de um homem.

Toda a comunicação que se estabelece entre os deuses e os homens, estejam estes acordados ou dormindo, é sempre feita por intermédio dos genios. O homem a quem são feitas essas comunicações e que as conhece, é um homem inspirado; todos os outros, os que só conhecem um pouco das artes e de certas manipulações não passam de artífices. Há muitos genios, e sobretudo diferentes espécies deles. Eros é um desses genios.

Sócrates — Mas, de quem nasceu ele? Quem é o pai, quem é a mãe?

Diótima — Para isso precisaria contar-te uma longa história. Vou contar-te essa história. Ouve:

Por ocasião do nascimento de Afrodite, os deuses deram um grande banquete comemorativo, a que compareceu também Poros, o Esperto, o filho de Métis, a Prudência.

Enquanto se banqueteavam, aproximou-se Penia, a Pobreza para mendigar as sobras da festa, e sentou-se à porta.

Embragado pelo néctar — pois o vinho ainda não existia — Poros se encaminhou para os jardins de Zeus e lá adorneceu, dominado pela embriaguez. Foi então que

Penia, em sua miséria, desejou ter um filho de Poros. Deitou-se a seu lado e concebeu Eros. Por esse motivo é que Eros tornou-se mais tarde companheiro e servidor de Afrodite, pois foi concebido no dia em que esta nasceu. Além disso, Eros devido à sua natureza, ama o que é belo e, como sabemos, Afrodite é bela.

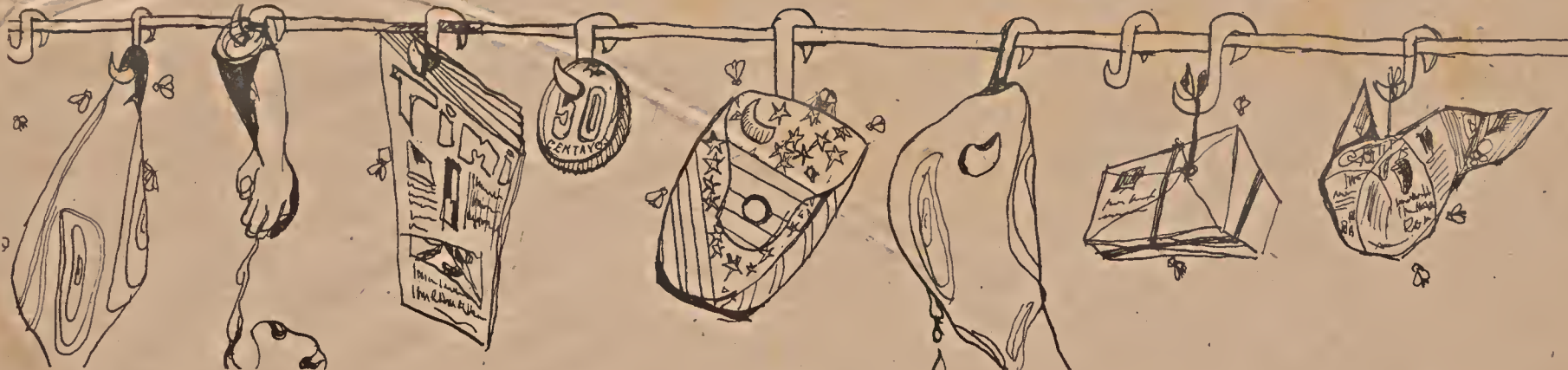
E por ser filho de Poros e Penia, Eros tem o seguinte fado: é pobre e muito longe está de ser delicado e belo, como todos vulgarmente pensam. Eros, na realidade, é rude, é sujo, anda descalço, não tem lar, dorme no chão duro, junto aos umbrais das portas, ou nas ruas sem leito nem conforto. Segue nisso a natureza de sua mãe que vive na miséria. Por influencia da natureza que recebeu do pai, Eros dirige a atenção para tudo que é belo e gracioso; é



bravo, audaz, constante e grande caçador; está sempre a deliberar e a urdir maquinacões, a desejar e a adquirir conhecimentos, filosofia durante toda a sua vida; é grande feiticeiro, mago e sofista.

Não vive, propriamente, nem como imortal nem como mortal. No mesmo dia, ora floresce e vive, ora morre e renasce, se tem sorte, graças aos dons recebidos pela herança paterna. Rapidamente passam por suas mãos os proveitos que lhe trazem a sua esperteza. Assim, nunca se encontra em completo estado de miséria, nem tampouco, na opulência.

Oscila, igualmente, entre a sabedoria e a tolice; devido ao seguinte motivo: nenhum dos deuses, como é claro, exerce a filosofia, ou deseja ser sábio, também,



quem é tolo — e aí reside o maior defeito da tolice: em considerar-se como alguma coisa de perfeito, conquanto, na realidade, não seja nem justa nem inteligente. E quem não se considera incompleto e insuficiente, não deseja aquilo cuja falta não pode notar.

Sócrates — Dize-me, estimada Diotima, quais são os que filosofam uma vez que não o fazem nem os sábios nem os tolos?

Diotima — Até uma criança, caro Sócrates, seria capaz de saber que filosofam justamente aqueles que estão entre uns e outros, e que desses faz parte Eros. A sabedoria, efetivamente, é uma das cousas mais belas que há e Eros tem como objeto do seu amor precisamente o que é belo. Logo, devemos reconhecer que Eros é necessariamente um filósofo, e como tal ocupa o meio termo entre o sábio e o tolo. Isso, aliás, resulta de sua origem: Eros é filho de um pai sábio e ativo, e de uma mãe sem instrução nem iniciativa.

É essa, caro Sócrates, a natureza desse genio.

Não me admira, contudo, que hajais errado na opinião que dele fizeste, pois, segundo entrevejo de tuas próprias declarações, parece-me que consideraste ao objeto-amado como Eros, e não ao sujeito que ama. Por isso, creio, foi que Eros te pareceu incômensuravelmente belo. De fato, o que merece amor é o verdadeiramente belo, gracioso, perfeito, e, desse modo, feliz. Mas é outra a essência do que ama, como te descrevi.

Sócrates — É bem possível, estimada Estrangeira, que de fato assim seja; falaste bem. Todavia, esse Eros, que utilidade oferece aos homens?

Diotima — É o que justamente agora, caro Sócrates, vou tentar explicar-te. O nosso Eros tem a natureza e origem, que acabamos de ver, e tu mesmo reconheceste que ele é o amor do belo. Alguém contudo, poderia inquirir — “Esclarecei-me, ó Sócrates e Diotima, em que consiste o amor do belo!” Ou então, mais claramente como eu diria: que deseja quem ama o belo?

Sócrates — Deseja, parece-me, possuir o belo.

Diotima — Esta resposta suscita por sua vez uma nova pergunta: e que possuirá quem possuir o belo?

Sócrates — Confesso que não me creio capaz de responder satisfatoriamente a esta nova pergunta.

Diotima — Contudo, se alguém em vez de “belo” dissesse “bom”, e, em lugar da primeira questão, te propusesse esta — “Caro Sócrates, dize-me, que deseja quem ama o que é bom?” — que lhe responde-

rias?

Sócrates — Que quer possuí-lo!

Diotima — E que é que tem quem possui o que é bom?

Sócrates — Bem; esta resposta me parece mais fácil; eu diria que essa pessoa se torna feliz.

Diotima — Exatamente; é pela aquisição do que é bom que os felizes são felizes. E chegados aqui nada mais precisamos perguntar, nem mesmo indagar, quem é que deseja ser feliz, nem porque o deseja. Esta resposta encerra a discussão. Não é também o que pensas?

Sócrates — Isso mesmo.

Diotima — Mas, essa vontade e esse amor, não crês que sejam comuns a todos os



homens? Não te parece que todos desejam possuir o que é bom? Qual é tua opinião a esse respeito?

Sócrates — De fato, creio também que é sentimento comum a todos os homens.

Diotima — Mas então, caro Sócrates, por que motivo não afirmamos logo que todos amam, uma vez que todos desejam o mesmo; e por que dizemos, ao contrário, que apenas uns pouco amam, e outros não?

Sócrates — Isto me espanta! não sei.

Diotima — Mas não há razão para te espantares! A confusão nasce do fato de aplicarmos a uma determinada espécie de amor o nome do genero todo. Para as outras espécies, com efeito, reservamos no-

mes especiais.

Sócrates — Por exemplo?

Diotima — Como sabes, “poesia” é um conceito múltiplo.

Em geral se denomina criação ou poesia a tudo aquilo que passa da não-existência à existência. Poesia são as criações que se fazem em todas as artes. Dá-se nome de poeta ao artífice que realiza essas criações.

Sócrates — Realmente.

Diotima — Não obstante, bem sabes que esses homens não são chamados “poetas”, mas que se lhes dão outras designações. E de toda criação artística apenas uma parte é considerada, a que se ocupa da música e dos versos, e que justamente a ela se dá o nome que pertence ao todo. Só essa parcela, como sabes, é chamada de poesia, e os que a realizam, de poetas.

Sócrates — Efetivamente.

Diotima — Pois o mesmo se dá com o amor: desejo do bem e da felicidade, em geral, eis no que para todos consiste o grande e astucioso Eros. Mas há muitos modos de dar satisfação ao amor, e dentre eles, o de procurar as riquezas, os esportes, a filosofia — aos quais, todavia, não se aplicam corretamente os nomes de amante e amado; apenas a uma determinada espécie de amor e aos seus sequazes é que se dá o nome que de direito pertence ao genero todo: Amor, amar, amante...

Sócrates — Creio que tens razão.

Diotima — Há uma lenda que diz que os que amam nada mais fazem senão procurar a sua metade nem o todo, se, meu caro, isso não for bom: pois os homens consentem que se lhes cortem os próprios pés e mãos, quando estes são maus. Julgo que, na realidade, ninguém ama o que é seu pelo simples fato de ser seu — pois então todos diriam que bom é o que é seu. Bons seriam os seus parentes. Qualificariam de mau, pelo contrário, tudo quanto fosse alheio. Não! os homens apenas amam o que lhes parece ser bom. Não é esta também a tua convicção?

Sócrates — Por Zeus que sim!

Diotima — Não podemos, então, concluir simplesmente que os homens amam o que é bom?

Sócrates — Sem dúvida.

Diotima — E não convém acrescentarmos que desejam também possuir o que é bom?

Sócrates — Devemos.

Diotima — E não só possuir, mas possuir sempre?

Sócrates — Também.

Diotima — Numa palavra, podemos então dizer que o amor é o desejo de possuir sempre o que é bom?

Sócrates — Exatamente.

Diotima — Se isso é o amor, de que maneira e mediante que método devem praticá-lo os que buscam o que é bom, a fim de que seu esforço e labor possam receber o nome de amor? Qual será esse trabalho? Saberias dizer-me?

Sócrates — Se o soubesse, estimada Diotima, nem estaria aqui a admirar tua sabedoria, nem viria incomodar-te para aprender justamente isso.

Diotima — Pois então vou dizer-te: é a criação da beleza, segundo o corpo e segundo o espírito.

Sócrates — É necessária uma revelação para explicar-me o que dizes tanto o acho obscuro.

Diotima — Pois bem: vou falar mais claro. Todos os homens, caro Sócrates, desejam procriar segundo o corpo e segundo o espírito. Quando atingimos certa idade, nossa natureza nos impele a que procriemos. Mas a procriação só se faz no belo. A união do homem e da mulher nada mais é do que a procriação e nesse ato há alguma coisa de divino. A procriação é o nascimento são cousas imortais nem ser mortal!

Tal ação, porém, não se realiza no que é desarmonioso. O feio está em completa desarmonia com o que é divino; o belo, ao contrário, se harmoniza com o divino. A beleza é, pois, na geração, Moira ou o Destino é Ilítia.

Assim aquele que deseja procriar, quando se aproxima do que é belo, sente aumentar o desejo e o prazer. Concebe, e dá a luz. Quando, ao contrário, se aproxima do que é feio, fecha-se, afasta-se, abstém-se e não procria, sofrendo entre dores o desejo de procriar.

É por esse motivo que ama o belo todo aquele que anseia procriar e está cheio de desejos: porque o belo o liberta de uma grande dor. Pois o amor não é, como pensas, caro Sócrates, o desejo do que é belo!

Sócrates — Que é, então?

Diotima — É um desejo de procriação no belo.

Sócrates — Talvez.

Diotima — Não talvez, mas seguramente o é. E sabes qual é a importância da procriação? É que ela representa algo que perdura; é para um mortal, a imortalidade. Ora, segundo vimos há pouco, o desejo do bem, pois que o amor consiste no desejo da posse perpétua do bem; donde resulta que o amor é também o desejo da imortalidade.

CHEGOU A HORA DA ESCOLA DE SAMBA SAIR

chegou a hora de amar desesperadamente
apaixonadamente
descontroladamente

chegou a hora de mudar o estilo
de mudar o vestido
chegou atrasada como um trem atrasado
mas que chega

MORRO DE AMORES
E MORDO DIAMANTES
E DOS CACOS DE MEUS
DENTES SANGRANDO
FAÇO UM CORDÃO
PRÁ ENFEITAR
TUA FANTASIA

RÁPIDO e *naiteiro*
VAI TER UMA FESTA

*que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar
ai eu paro, tiro o sapato*

E DANÇO O RESTO DA VIDA

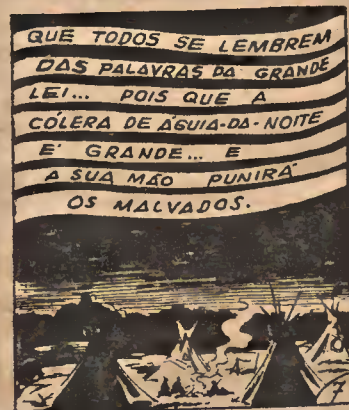
"...porque a paixão
e a chuva arreben-
tam e passam".

CARLOS

que atravessou o
sertão com um par
de botinas velhas e
um drops de hortelã

A CÔR DO SOM
A COR DE ON
CÔR DO
COR DE
A CÔR DA DO

*meu amor se esparrama na grama
meu amor se esparrama na cama
meu amor se espelha
meu amor deita e rola no planeta*



VERÃO
CABELEIRAS CAMBALACHE
REVUADA
ANDARILHA
NA TRILHA do Sol.



BANDEIRA
POUCA
É
BOBAGEM

SLOGAN: *seja criança lá que sua mãe não é*

BAILE DA PESADA

quanta gente veio prá nos ver
animar essa festinha
mil vestidos cacheados
prá animar essa festinha
é so achar o passo certo
carburar e dar bandeira
e fazer muita arruaça
quebrar cadeiras e vidraças
e dançar a noite inteira

*é uma
pena que a
palavra não
seja a
cor*

DIA 1o. FEVEREIRO
enquanto as pacas e as antas
se devoram

PARA CORAÇÕES APAIXONADOS

POESIA POP
sol-vida
&
água
PÔ DE LIGAR
pour mary



nuvens

NAS ALTURAS
ONDE-
ESCOVA-
SE
O ESPÍRITO
DE VEZ
HEM
QUANDO

PREZADO CIDADÃO
colabore com a Lei
colabore com a Light
MANTENHA LUZ PRÓPRIA

DEDIFICANDO

com os dedos
com os dados
- l e t r a s -

brincava de castelos
de palavras
anunciava: - não sei ler
e
refazia



quando eu te conheci
não usavas barba
que importa.
gosto de ti de
qualquer maneira
- dedicatória -

DA LADEIRA PRO MAR
À BOBEIRA PRO MAR
O INTERVALO
curto
DE PASSAGEM
transURBANA

- formidável
formiguinha
vai a tua toca tocaia
e traz
formosa formiga
homenagens
curiosidade

de manhã
a sensação
de que as coisas
são assim mesmo
maneríssimas
de que você fica
tão bem ao meu
lado
bom dia



MISAEL⁷²

With a little help from

A DIAGRAMÁTICA
A LINGUÍSTICA
Rústica Rosa
FONEMAS
A pornografia
SEMÂNTICA ROMÂNTICA
L'amour
y mi friends

y mi friends

"SENTIR É ESTAR
DISTRÁIDO"

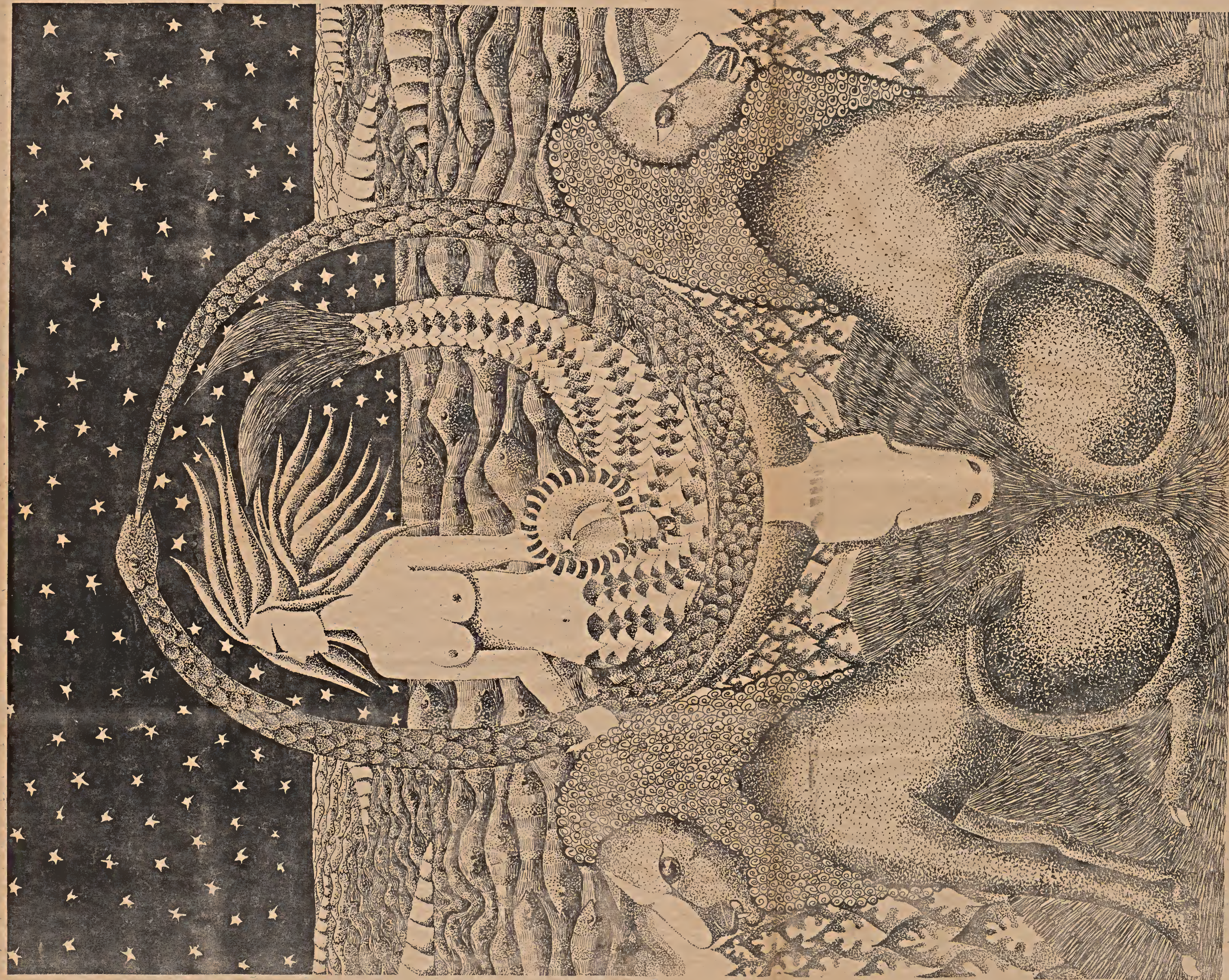
F. Pessoa

PASSEIO A CURIOSIDADE
PELOS QUATRO CANTOS
IMUNDO

Criação: Chacal

Execução: Béu

Chacal



Nem prosa nem verso!
Outro drama, outra Magia,
outro Movimento...
Dos últimos Sonetos de CRUZ E SOUSA
Supremo Vazio

Cruz e Souza
artista brasileiro
poeta e negro
de Santa Catarina
inaugurou escola
decadentista
e foi jornalista
que muito viveu
e viveu verdade
entre 1861 e 1898
de poeta e prosa
de "ORGANIZAR,
CULTUR
PARA ESSA TRANSMISSÃO"

ALUCINAÇÃO

Vai, Peregrino do caminho santo,
faz da tua alma lâmpada do cego,
iluminando, pego sobre pego,
as invisíveis amplidões do Pranto.

Ei-lo, do Amor o cálice sacrossanto!
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego...
Eis o filho leal, que eu não renego,
que defendo nas dobras do meu manto.

— Assim ao Poeta a Natureza fala!
em quanto ele estremece ao escutá-la,
transfigurado de emoção sorrindo...

Sorrindo a ceus que vão se desvendando,
a mundos que se vão multiplicando,
a portas de ouro que se vão abrindo!

O solidão do Mar, ó amargor das vagas,
ondas em convulsões, ondas em rebeldias,
desespéro do Mar, furiosa ventania,
boca em fel dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas de sol, ensanguetadas chagas
de ocasos purpúreos de atroz melancolia,
luas tristes, fatais, da atra mudez sombria
de trágica ruína em vastidões pressagas.

Para onde tudo vai, para onde tudo voa,
sumido, confundido, esboroado, à-toa,
no caos tremendo e nu dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial ha de engolir tudo isto,
mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Cristo,
luas, chagas de sol e turbilhões do Mar?

O DESENHO É DE GILSON RODRIGUES



N DE NÓS MESMOS

ou, segundo Waly Sailormoon: "VERBO tem o que há de melhor em nossa fauna e flora. Jogos Frutais (mangas alva-rosa) Bebidas Deliciosas (Chocolate — Café) Bichos (Cha-cal) Flores (Ciomara). Bião. E esta Athenas quente, uma das cucas mais maravilhosas, Athenodoro Ribeiro. VIVA O VERBO ENCAN-TADO! Aqui em Soterópolis Cap 72 fico pensando a Bahia está viva LÃ: Ordem Beleza Luxo Calma Volúpia. E antes que me esqueça, esta estrêla gogóia Luciano Diniz. Quero Chocolate!"

NÃO Não quero papas na língua. Quero papo de Anjo. Não quero pipas de água. Quero potes de pó. Não quero porrada. Quero sim, razão para com o mundo. (Armando Jorge Bião).

NA ESQUINA DA VIDA Encontrei Luzia. Me segura senão eu caio. Me segura da armadilha. Guardo meu lenço no bolso esquerdo. Me saio de letra com o pé direito das esquinas. (Nêgo Nízio)

NAVESPAÇIAL Qual? Avião? Ou a balança do elevador lacer-da? Ou a igreja do ar? (Armando Jorge Bião)

NÓS Como tudo somos vivos. Tudo que é vivo, cla-ro! (Nêgo Nízio)

NIGRINHA DO VERBO Sonha! (Deca)

NOVIDADES Todas as coisas são velhas. Todas as coisas são novas, se engana quem pensa que viu primeiro. 50.000 exemplares em todo país. Exceto nos Territórios. Verbo é Super-Astro Nacional. No-vidade Universal. (Alvinho)

NOVELA Me amarro. Gostei muito da Rosa Rebelde: E gosto muito de rosas rebeldes, não fôsse eu fi-lho de quem sou. Não sou filho de uma Rosa Rebelde? Meu orí é rebelde! (Alvinho que é mesmo que Álvaro Guimarães)

NOTAS No-tas? Notas Musicais? Tem que ser todas as notas. Tem que ser juntas ou melhor tem que juntar todas as notas musicais. Agora, dar nota para música não dá pé. (Marco Antônio)

NAVIO Passei no vestibular fiquei doido. (Dilson)

NUVENS Não sei de nada. (Dilson)

NO SOM Solte seu pensamento através do Som. Ponha uma música em seu pensamento. Por uma co-municação sonora! (Marco Antônio)

NAMORO Namore muito e faça muito trancetê. Conselho para todos dos 8 aos 80 anos. (Nigrinha do Verbo)

NOITES Delirantes. . . De ronda. (Deca)

NUDEZ Bela enquanto pura. (Bêu)

NADA Nada feito. (Bêu)



NATUREZA

Natureza é tudo que não é cultura. A natureza Shakespereana. O amor rama que me cresce. O sono nos braços em abraços. A imensidão por dentro o centro o teatro o que me sustenta me tenta me senta no Pôrto da Barra dia e noite. (Luciano Diniz)

NA SANTA PAZ

Como rapaz capaz. A Praia a areia que me relaxa o ar do mar que respiro, espiro, piro. (Luciano Diniz)

NESTA

Verbo nasceu. N de nascer entrou na estória. Nesta, onde me disseram que o sonho acabou, mas como disse Gumé Tavares nem por isso devo estar triste. Nesta cidade. . . neste instante. (Nigrinha do Verbo)

NAVEGAR É PRECISO

É? (Carlos Ribas)

(NA MATINÉE DO

Cinema Olimpia.)

NA REDAÇÃO

Na redação eu pouco vou. Eu sou o homem sombra. Falo tudo por telefone. Quando apareço, é só para tratar de alguma coisa importante, embora, todas as Coisas sejam importantes no Verbo. Às vezes, brigo com Ciomara, porque ela não acredita nas coisas que acredito. Ela é caretta! Porém não se assustem. Todos do Verbo são caretas. Inclusive Luciano Diniz, a nossa estrela cantante. Em suma, eu sou o homem da rua. Dos contatos. Não da redação. (Luiz Café)

NATURAL

Gosto de tudo que seja natural. Nada de complicação dá certo. João Gilberto, por exemplo, é um cara simples. E é gênio. (Luiz Café)

N DE NÓS

Por isso escapamos. Tudo que está sendo feito, está sendo feito por amor. Prefiro pensar nos próximos sonhos. Ainda não me serve o que acabou. Nada que acabou. Só estou disposto a sorrir. (Athenodoro Ribeiro)

NECESSÁRIO

Existir tudo que existe. A tua estupidez. (Athenodoro Ribeiro)

NESTE ANO

Tudo. E nos outros também. (Gumé Tavares)

NOROESTE

O vento sopra. (Gumé Tavares)

NADAR

Nadar. . . nadar. . . só. (Ricardo Lisboa)

NOSSA

Rogai por nós NOSSA MÃE DE DEUS PARA QUE SEJAMOS DIGNOS DA PROMESSA DE CRISTO. (Ricardo Lisboa)
nós somos tudo que nós somos. . .

NÚMERO

Algarismo de uma ciência fantástica, porém nem sempre são agradáveis pois normalmente representa obrigações, hábitos, horários etc. Coisas que os mandamentos do brasileiro contesta. (Anísio Queiroz)

NABUCODONOSOR

Imperador da Idade Antiga, da Cidade-Estado Babilônia. Atualmente, motivo de grande hilaria pelo seu famoso trocadilho. . . não confundir! (Anísio Queiroz)

NOME

Das pessoas queridas. Alvinho. Athenas. Arminho. Juca. Nizinho. Minha Mãe. Minhas Irmãs. Meus amigos todos. Verbo como Verbo. (Ciomara)

NUNCA

ad—VERBO! No vocabulário Verbo esta palavra não entra. (Ciomara)

NEGÓCIOS

Vão bem, obrigado! (Toni Saback)

Nesses TERMOS

Pede Deferimento! (Toni Saback)

NOVOS BAIANOS

No momento, não sei bem qualé a transação dêles. O que ouço dizer (coisas do Rio) é que estão numa muito legal. João Gilberto conversou com eles. (José Cerqueira)

NO PATROPI

O sonho atinge seu apogeu. Bolas & Bolões. Barão Barão, Barão 1972. O tempo não só desbota calça Lee, crianças. Algumas pessoas e pouquíssimos músicos tão sacando a bitter sweet music. Quem melhor pegar o saque, vai ficar sabendo porque Black Sabatt, Uriah Heep, e outros bichos da pesada não fazem um som legal. Vamos ter TV colorida e Flávio continua vivo. (José Cerqueira)



TRECO MUSICAL

"Com quantos kilos de medo se faz uma tradição?"

Baiano de Iará. Seis cursos de música, cantor, compositor, violonista, professor, o que você quiser. TOM ZÉ. Sem rótulos, nem adjetivos. Que começou seu nome, ligado a Caetano e Gil quando dos primeiros shows do Teatro Vila Velha. Depois São Paulo. Teatro de Arena com Gal, Bethania no "Arena Conta a Bahia". "São São Paulo, Meu Amor" vencedor do Festival da Record composto na pensão do "Seu" Curt, "com quarto de janela pro quintal". Em 1970, andou meio afastado das composições, ocasião em que fez alguns "microshows" em Carurus. Amigos, a cachês razoáveis tendo, inclusive, em vários deles, representado o professor Heitor Dias e o

Major Cosme de Farias. Nesse mesmo ano, fundou a "Sofisti-Balacobaco" com muito som e pouco papo — escola de música. Depois de faturar em 71, o primeiro lugar com "Silêncio de nós dois" no movimento de Incentivo à Música

Popular Brasileira promovido por Hebe Camargo em seu programa de televisão na TV Record, Tom Zé está de volta à Bahia, neste início de ano. Não sozinho, mas com outros baianos: Tuzé de Abreu e Perna e uma gaúcha Lais, cantora e compositora. "O que adianta falar? O

negócio é cantar". E é isso que eles farão no seu show "Com quantos kilos de medo se faz uma tradição?" que será apresentado durante três dias a partir do dia 18, às 21 horas, no Teatro Vila Velha.

Sobre o show, não vale falar muito, melhor assistir. Mas vão algumas dicas de Tom Zé: Não estamos fazendo movimento nenhum.

É a alegria que eu, Perna, Lais e Tuzé estamos



procurando espalhar nestes três dias de show, "A felicidade já está apertando o cerco e a qualquer momento pode desabar sobre os homens e ninguém poderá escapar. Muito riso é sinal de muito siso; nós gostaríamos de salvar o futuro que a tradição está enterrando. Já que a culpa das pessoas hoje estão com um caracol e a gente quer pelo menos uma abertura. A alegria é uma das doenças contagiosas mais eficazes para matar a morte que nos ameaça agora".

No roteiro de "Com quantos kilos de medo se faz uma Tradição", o jingle — que Tom Zé fez para o sabão Omo, muito terno, onde ele consegue até humanizar a propaganda. "Setembro na Bahia" e "Barão Beleza", de Tuzé de Abreu, "Disse me Disse", de Perna e Tom Zé, as músicas muito curtidas de Lais que são grande surpresa para o público baiano.

Com quantos kilos de medo se faz uma tradição estará no Teatro Vila Velha, dias 18, 19 e 20, às 21 horas. O preço do ingresso é de Cr\$ 20,00 e Cr\$ 10,00 para estudantes.

N.B. — Este é o material que Judy Spencer trouxe para o Verbo. Ela agora é produtora e transa com som. Tá, Judy.

TRECO EDITORIAL

"NA CORDA BAMBA" LANÇAMENTO DE COLEÇÃO

A José Álvaro Editor está preparando uma coleção de autores novos experimentais, denominada NA CORDA BAMBA, sob orientação do editor João Rui Medeiros e dos poetas José Carlos Capinan e Wally Sailormoon.

"NA CORDA BAMBA" editará os trabalhos da

BANDA VIVA DO BRASIL. NA CORDA BAMBA será iniciada com a edição de ME SEGURA QUEU VOU DAR UM TROÇO, de WALLY SAILORMOON, e prosseguirá com FRAGMENTOS DE SABONETE de JORGE MALTNER. Outros nomes: ANTONIO BIVAR, LUIZ CARLOS MACIEL, TORQUATO NETO, também serão lançados.

NA CORDA BAMBA retomará os experimentos mais radicais de linguagem e o pensamento mais original do Brasil. Luciano Figueiredo, Oscar Ramos e Rogério Duarte cuidarão da parte gráfica.

NA CORDA BAMBA é também um esforço de criação de novas áreas de trabalho, tentativa de estabelecer uma nova rede de distribuição — universidade, show de artistas, reembolso postal, além de livrarias.

NA CORDA BAMBA, rompimento dos

- 1: acanhamento dos editores
- 2: mediocrização da criação

CONTRA

- a) monopólio dos best-sellers nacionais
- b) monopólio dos digestivos locais

Adquirir os livros, promover a aquisição por grupos de pessoas, instaurar discussões, escola, universidade, imprensa, teatro, cine-clube, espetáculo, estas são as atitudes que "NA CORDA BAMBA" exige de você.

VIVA A BANDA VIVA DO BRASIL.



LEÃO RUZEMBERG

fotos e filmes

CARLOS GOMES, 20/22
BAHIA — BRASIL

TELS. 3-5181 - 3-5182



Sue

Galeria de Arte

AV SETE, 35/37 - S/312/13 SALVADOR TEL. 3-4773

BARRACA OGUM

de BERNARDINO MACHADO



Autêntico artesanato em:
Couro, Missanga, Cobre, Jacarandá,
Prata, Lapidagem em cristais e garrafas.
Artigos exclusivos,
preços sem competidor.

Mercado Modelo - 1.º andar - Quadra L n.º 9 - Salvador-Ba.
Terreo - Quadra C - n.º 2

a Imperial
móveis Ltda.

MOVEIS E DECORAÇÕES
CLASSICOS E MODERNOS
ADORNOS E PRESENTES

VENDAS A CREDITO

FILIAL: RUA RECIFE, 1 - ESQ. C/MARQUÊS DE CARAVELAS - BARRA AVENIDA
TEL.: 5-4610 SALVADOR - BAHIA

Alô, alô, França Teixeira, apareça aqui no Verbo que a gente está a fim de transar com você. E Alvaro Martins, como vai essa jóia? O Verbo vai aparecer por aí, se vocês não aparecerem por aqui, tal é a saudade. E as transas? Vamos transar.

Alex de Oliveira é quem entende beleza? É sim. Ele está com agência de manequim, salão de beleza, por dentro de tudo que a mulher usa e abusa para ficar mais legal. E homem também. Beleza prá todo mundo!

Maurício Nonato é quem faz calça muito bem. E túnica, esses casacos, roupa, roupa bonita. Quem falou foi Ciomara, Bião, Waltinho Grymm, gente que se veste com ele. Maurício Nonato, o Verbo tá de olho em você. Abraços.

Durante o carnaval quem apareceu na chácara de Joaquim e Bebê foi Gil, Guilherme Araújo, Raulzinho, Eulina, Roberto Pires. Visitas para o Verbo, plena segunda de carnaval. E o papo foi com manga rosa, caju, jambo, suco de laranja, na varanda, no terreiro.

O Verbo manda abraços para Carlos Libório, pelo seu trabalho sempre muito quente, e limpo. Libório é um dos caras mais importantes na sua área. Libório, você é uma barra tranquila. Tv.

A programação das rádios melhorou ou continuam repetindo as fitas sem parar, naquela caretiça insuportável com um som do tempo do fox-trot? Entre recordar e viver, antes viver. Tem muito som nôvo por aí, amizade. Só o Big-Ben guenta a barra? Viva o Big-Ben!

Tráfego de Salvador, ah que luta, que sol, que calor, que engarrafamento! Na Joana Angélica, então! E na rua do Cabeça onde sua vida está por um fio. Só como exemplo. Táxi não pára, ônibus vai a mil. Como pode?

Treco especial para os produtores Paulo Lima, Guilherme Araújo, Roberto Santana, Mário Gadelha, Benil Santos que trouxeram de presente Caetano, Gal, Vinicius, Bethania, o som brasileiro mais hot do momento. Por causa deles a gente neste verão curtiu o melhor. Verbo manda abraços a agradece também.

E J. Luna? Bom, J. Luna é esse homem que acorda a cidade. A gente quando conheceu ele ficou com a cuca virada, o homem tem uma força incrível, é inocente, forte demais. E sucedeu que uma rara manhã que às seis tava todo mundo acordado e lá vem J. Luna. Vamos acordar! Acordamos com J. Luna e seu programa de rádio, falando aos corações.

Ah, existe maledicência e inveja, sim. Xô, com isso daqui. Mas explico: a imprensa baiana é



legal demais com o Verbo, todo mundo, mas aí é que está, tem umzinho só que faz das suas. E andou publicando umas mentirinhas envolvendo o nome da gente. Só pensamos: o mal fica com quem faz e quem falou não sabe o que diz — o Verbo não é só encartado, não, é Encantado. Quem falou foi Caetano. Quando vem um bicho feio de um lado aparece o anjo do outro. E

Caetano, o que é?

E Luís Calmon vai para o Rio em março lançar sua coleção. Luís Calmon é astro-Verbo, costureiro, figurinista, arquiteto da moda. Ele cria sua roupa, usa formas e cores como Mondrian. E Tia Margarida está melhor, ela foi operada, é mãe de Luís e nossa também. Calmon fez um desfile no Rio, que assisti, e foi uma maravilha.

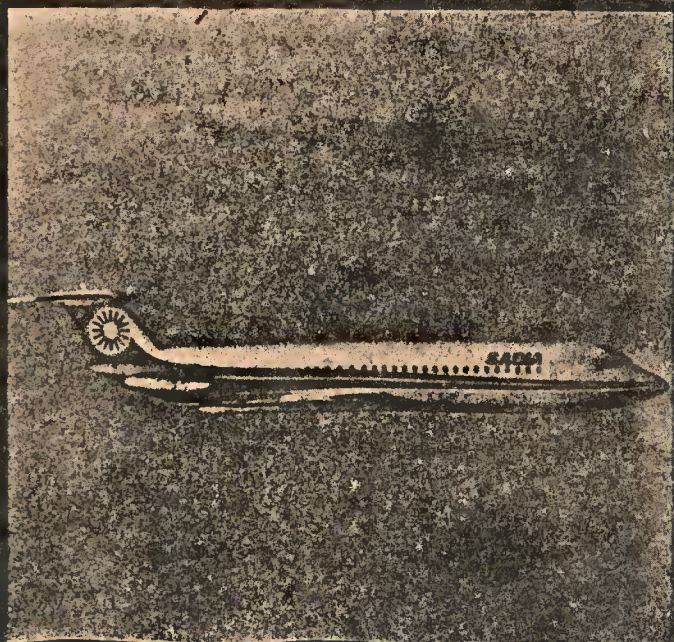
Agora atenção com as chuvas. Será que a gente vai alagar de novo? Alagar quer dizer, alagado, baiano, levado pelo enxurrada, é assim que fica a cidade quando chove. Passei lá pelo Pau da Lima, e outros bairros sem calçamento e é um pavor, só lama, dificuldade de transporte, etc. Tudo por causa da chuva?

Falei com Capinam, de quem eu gosto de verdade. Um amigo simples, essa mão de amigo e amizade terna, ele acabou de falar, só que foi pelo telefone vai viajar para a Gebê daqui a pouco. Registro o papo, o alento, o forte embalo do poeta e nossa vida. Capinam, claro, é padrinho astro-Verbo total.

Idalina Almeida convida o Verbo para sua exposição. Ela é jovem pintora e velha conhecida da gente. Sua expo vai ser na Berlin da Turismo, Edif. Portofino, à Av. Sete, 285, em frente ao Hotel da Bahia, das 20,30 horas do dia 18-fevereiro-1972.

Aos gentis amáveis leitores Verbo que nos escrevem pedindo números atrasados o seguinte: a transa tem que ser direta com a distribuidora ou representantes ou reponsáveis em suas cidades, por isso não podemos atendê-los. Paulo Henrique, Zé Carlos, Maria da Conceição, Pedro Sanchez, Ubirajara Santana, aliás Ubirajara, aguarde seu cheque, pelos motivos sabidos ele está sendo devolvido.

**Você
nem imagina
do que a Sadia
é capaz
para ter
você
aqui dentro.**



SADIA

**RESTAURANTE E
DRINKS APOLO**

R. MIGUEL CALMON 3, 1ª AND
TEL. 2-0970 SALVADOR - BA



O
SEU
JANTAR

Ar condicionado.

música estereocônica.

CASA NOVA ESPORTE



Esportes, Tecidos em Geral
Rua Lopes Cardoso, 14 - Telef. 3-1508
SALVADOR - BAHIA

**ONDE SÃO SERVIDAS
AS COMIDAS DOS ORIXÁS**

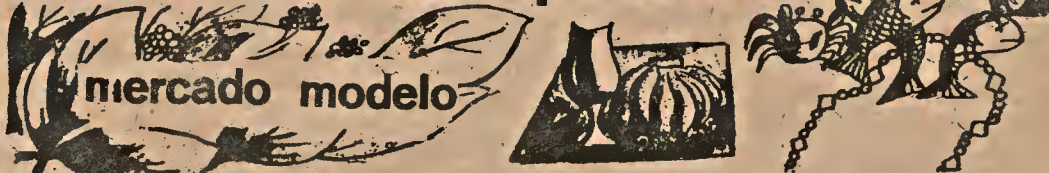
Maria de São Pedro era uma rainha da Bahia.

feita de porte, bondade e arte.

Jorge AMADO

**restaurante
maria de são pedro**

mercado modelo



FALANDO DE AÇÕES

Todo investidor deseja conseguir acertar num investimento ideal. Entretanto, se perguntarmos a cada um o que vem a ser um investimento ideal, veremos que as respostas serão as mais desencontradas. Além disso, não existe investimento ideal, pois todos envolvem riscos. A prova disso encontramos nos fatos acontecidos no ano passado, quando muitos investidores viram a recompensa do risco que correram, recebendo grandes ganhos e lucros satisfatórios, enquanto outros perderam totalmente o capital, parte dele, ou as rendas que poderiam usufruir do mesmo.

O risco é inevitável e os ganhos e lucros que se pretende com um investimento são apenas prováveis. Por isso, o investidor deve ocupar-se principalmente em estimar os riscos de sua decisão, compreendendo bem sua natureza e as normas que deve adotar para proteger-se contra eles.

Esta não é uma maneira pessimista, mas, ao contrário, bastante realista de considerar a melhor aplicação do seu dinheiro. Você já sabe que quanto maior o risco que você assumir, maior o lucro. Se você pretende ganhar 25 por cento de lucro provável em determinado investimento, deverá correr maior risco do que aquele que pretende apenas 10 ou 15 por cento. Por isso mesmo o mercado de capitais oferece aos investidores a opção entre os títulos de renda fixa e os de renda variável. Aqueles que não gostam de correr riscos limitam seus lucros a um determinado percentual, fixo, e preferem o primeiro tipo de papel. Outros, de espírito mais aventureiro, destes que topam o desafio do "ou tudo ou nada", preferem os títulos de renda variável, com os quais tanto podem triplicar sua fortuna pessoal como sair de tanga.

Por aí você já manjou que se o lucro está em função do risco envolvido, é de fundamental importância que se conheça quais são esses riscos e plenamente válido que seus investimentos sejam analisados sob esse ponto de vista. Afinal,

quem leva um pneu de sobresselência tem mais possibilidade de ir mais longe do que aquele que apenas confiou nas condições da estrada.

A melhor inversão (não a ideal) para superar os riscos é aquela que, além de oferecer uma segurança razoável, mostrará também resultados mais satisfatórios, que se pode medir pela renda produzida ou pelo aumento de valor do dinheiro aplicado.

A essas alturas você gostará de conhecer alguns desses riscos, principalmente os relacionados com a própria inversão que você escolhe. Vamos alistar alguns, sendo que não podemos destacar os principais, porquanto isso é um negócio bem relativo: qualquer causa que provoque uma perda de capital é um risco principal, pelo menos para quem o perde.

a) riscos provenientes da própria economia que tanto pode progredir como entrar numa depressão;

b) riscos que dependem de que o setor industrial esteja em desenvolvimento ou decaindo;

c) riscos devidos principalmente às condições que imperam dentro da empresa;

d) riscos que são inerentes à classe de títulos em que se investiu (ações, letras de câmbio, debêntures, etc.);

e) riscos acidentais.

Alguns desses riscos são mais gerais que os outros. Com efeito, uma sociedade pode fracassar por insuficiência de capital, por má administração, pela incapacidade para enfrentar a competição, ou por outras razões semelhantes, sem que o acontecimento influa sobre a sorte de outras empresa que atuam no mesmo ramo. Porém, uma depressão geral dos negócios afeta todas as empresas por igual — as diferenças são só de graus, — e uma inflação afeta, da mesma maneira, a capacidade aquisitiva de todas as rendas, no que diz respeito ao cruzeiro como valor de troca por mercadorias.

Podemos dizer que estes dois últimos riscos são gerais e fundamentais. Afetam não só ao título particular em que se fará o investimento,

como a sua forma ou classe, pois um título que está exposto aos riscos do ciclo mercantil pode ser parcialmente imune aos riscos inerentes às variações na capacidade de compra do dinheiro, enquanto que outro que expõe o investidor a perder se baixa o poder aquisitivo do cruzeiro, pode ser uma excelente proteção contra os prejuízos que podem ocorrer em decorrência das mudanças dos negócios em geral.

Outro risco capaz de afetar a todas as empresas e a todos os títulos da mesma classe é o chamado *risco da indústria*. Esse risco diz respeito à inovação. Podemos ilustrar com a mudança do bonde, como meio de transporte urbano, para ônibus. Nesse caso, toda a indústria dedicada à fabricação de bonde desapareceu, por não encontrar mercado para os seus produtos. (Nesse momento, é bom que eu lhe diga que, quando falo em indústria, não estou falando de uma empresa, mas, de um ramo de atividade). O avanço tecnológico exige das empresas e dos setores da indústria uma inovação constante, sob pena daquela empresa ou daquela indústria ficar apenas como uma relíquia do passado.

Quando você for investir em determinada indústria, é importante que tenha em mente esse tipo de risco, pois isso lhe permitirá não só prevenir-se contra possíveis perdas, como também, em decorrência dessa análise, descobrir quais as empresas que representam um avanço tecnológico para a época e se antecipar a todos, associando-se a essas empresas. Isso sem falar na vantagem de evitar que você compre "excelentes" ações de uma empresa de tecidos que ainda os fabrica na base da roca e do fuso.

Na próxima semana consideraremos outros riscos envolvidos no mercado de capitais. Só assim teremos condições de descobrir, quando alguém nos oferece um "negócio da china", se "em baixo daquele angu tem carne".

Evandro Checcucci

Alô Areembepe, capital de Salvador, alô, Rio de Janeiro, aquele tapa. O Mercado continua, sendo como sempre será — aquelas transas. Capoeira já me deu tudo o que eu gastou. O meu velho berimbau continua lindo.

Alô, alô, mestre Pastinha, junho e março, eu sou daqui, minha gente, e não quero ir, eu já tenho amor, sei para onde vou. Quero ver Zorilda séria, sem dar uma risada. Os batuques e batucadas continuam desembuchando meus sentimentos, sacudindo meu talento e me faz cantar. Batucada da Portela, foi na casa dela que aprendi sambar. Oi gente boa quem me deira agora que fosse viola para te acompanhar.

Mas essas coisas coisas e coisas são apenas complemento de uma ilusão de quem só sabe amar, amar o mar, e as côres de Areembepe. Meus amigos, eu já vou me embora, está chegando a hora e o sol já vai raiar. E quando o sol chegar, eu quero estar com vocês, só com vocês. A batucada, pra entrar na tua, tem que ser malandro e sambar devagar. Caminhando nesse mundo, sempre gritam vagabundo, continuo caminhando, vou descalço e vou andando, meus caminhos pelo mundo não têm fim, vou pagar minha promessa para Senhor do Bonfim. Mas se a carona nos separar, até quando, até quando Deus quiser novamente eu virei te encontrar. Sinto muito, levo saudades, mas o meu amor precisa descansar. Pra semana eu volto, vão dormir agora.

Chocolate



TRECO FOTOGRÁFICO

Você já notou o nível de boa, da melhor, da alta qualidade do nosso material fotográfico, como está perfeito, bem cuidado e cada vez mais? E não estou falando do trabalho de Juca, Deka, Ricardinho, Emanuel e de todo o pessoal maravilhoso que colabora com a gente, claro, que tudo depende deles e de suas maravilhosas máquinas fotográficas. Mas, e a revelação, quando tudo aparece? Todo nosso trabalho de revelação é feito no Atelier Foto Artístico São Lázaro. Lá é o lugar onde o papel fotográfico entra e saem as fotos em contato, tamanho postal, na que for. Este é o nosso laboratório, um bom laboratório baiano. Mas também nisso a Bahia é rica, são vários os bons laboratórios baianos, este se diferencia dos outros pela presença do Valdomiro, o Valdomiro Pereira Marques, o anjo que cuida da gente, do material da gente, com cuidado que só gente encantada tem, gente Verbo, gente bem. A gente fica descansada quando Dilson sai daqui da redação levando os filmes ou quando volta trazendo as fotos, ou quando ele liga de lá pra falar alguma coisa com a gente. De lá, do Atelier Foto Artístico São Lázaro, na avenida Sete de Setembro, segundo andar, sala trezentos e um (301), o templo onde Valdomiro brilha e faz brilhar as imagens que encantam, ilustram, embelezam o Verbo Encantado.

**3º ano colegial
e pré-vestibular
juntos?**

**ADOTE UMA SOLUÇÃO
INTELIGENTE**

**CONVENIO
Colegio S. Salvador
e
Colegio Universitario**

**o melhor curso
pre-vestibular
da cidade**

**TURMAS LIMITADAS
MATRICULE-SE NO**



**Colegio Universitario
da Bahia**

AV. SETE, 211 — TEL. 3 5793

E' uma corretora bicho!

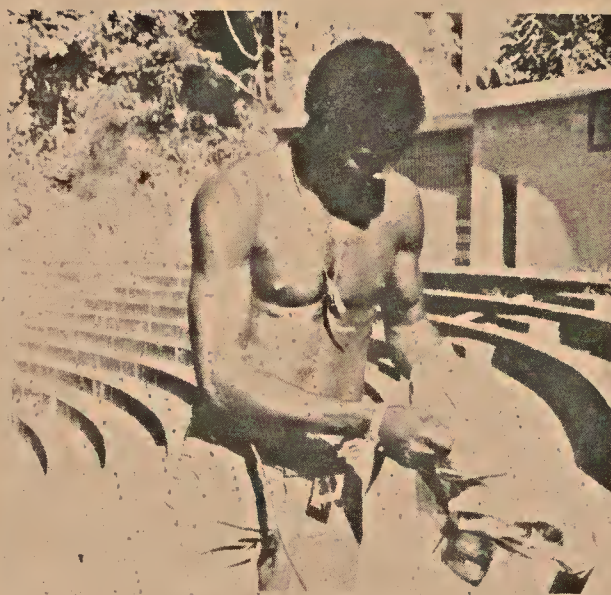


*Se você está por dentro das transas
do mercado de capitais, ou
se você pretende se entrosar,
não perca esta dica.
Venha ter um pla' com a gente, venha
curtir um cafezinho, bater um papo.
Só os carêtas estão por fora das
transas do mercado.
Quem vai dar as dicas é o Rodolfo,
das 14 as 17 horas, todos os dias
E não custa nada, amizade.
Anote aí o endereço:
Miguel Calmon, 37, sala 809,
edifício Belo Horizonte.*



**UM RESTAURANTE
A SUA ALTURA**

**NA BÔCA DO RIO
S/M**

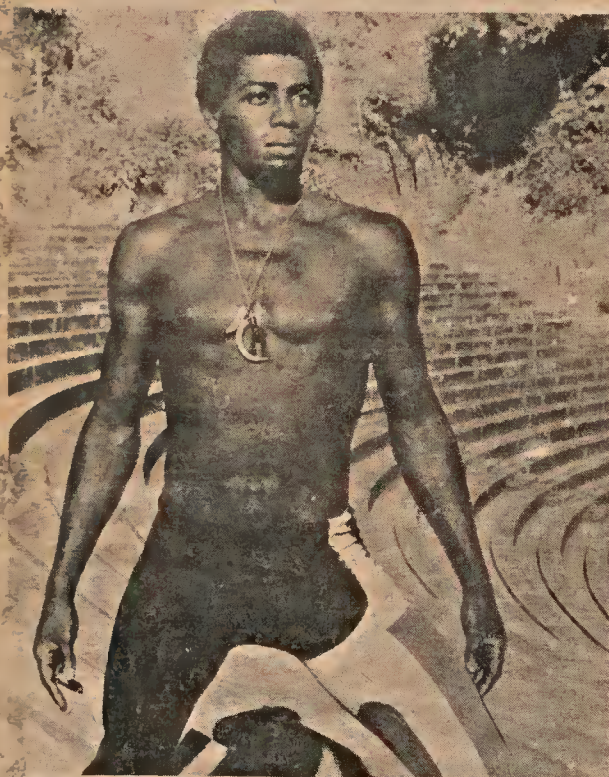
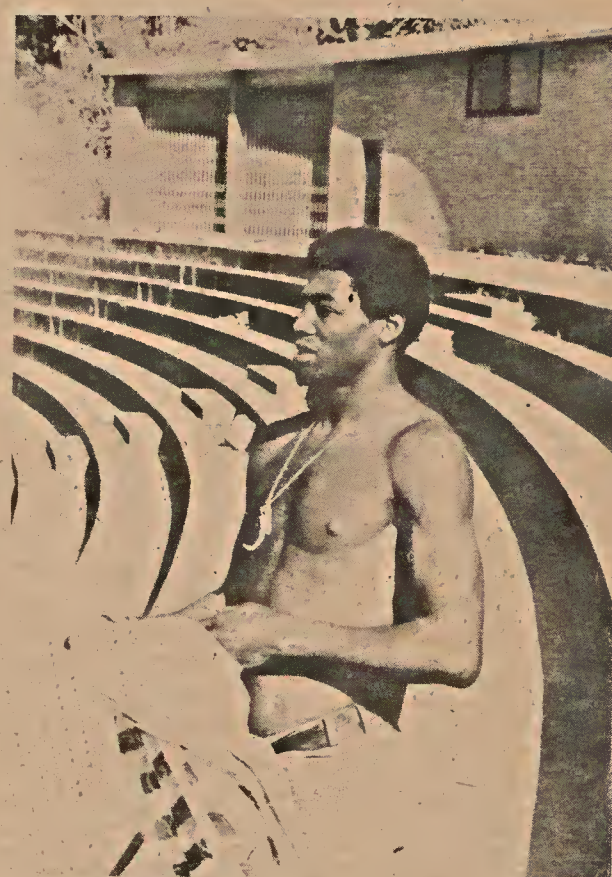


TRATANDO-SE DE FLEXA!

Bahia e África estão presentes na condição maior de irmãs: FLEXA, é a mistura serena bahiafro, de nome Reginaldo Nascimento, de profissão ou profissões dançarino, manequim, ator, percussionista. FLEXA, presença de 7 flexas nos corredores baianos. Como percussionista o Brasil inteiro aplaudiu os seus estranhos solos de atabaque. E dançarino do Grupo Folclórico OLODUMARÉ. A cidade do Salvador compareceu no Teatro Castro Alves para saber de perto de FLEXA e as pessoas não só bateram palmas como guardaram a imagem bem tratada do melhor bailarino do Brasil que reside na Bahia. Na Barra, sua barrá é leve. Signo de Áries. Sua altura é 1 metro e 89. Nascido no dia sete dos quatro de quarenta e sete, sob o iluminado céu de Salvador. Na qualidade de ritmista do Olodumaré participou do Quinteto de Jazz Moderno da Alemanha. Ele que antes estudou dança folclórica brasileira com Domingos Campos, técnica de ballet com Carlos Mórals, e capoeira de Mestre Bimba com o próprio, vai agora para Alemanha. Dançar brasileiro para alemão ver e desbundar. Mas vamos falar que Flexa, esteve aqui na REDAÇÃO VERBO e alimentou uma conversa de muitos minutos onde disse de tudo que sabe. Além dele veio João Prado, que defende os direitos do Olodumaré, afirmou ser Flexa um dos mais bem pagos artistas de dança. Como manequim, uma agência de nome EXÓTICA contratou Flexa que desfilou com roupas de Maurício. Flexa fala pouco, mas o que diz é certo. Quer deixar a Bahia porque lá de fora está vindo convite. Mas nem por isso deixa a Bahia. Ele acha difícil. O melhor é pegar a grana lá fora e depois voltar. Para a terra que ama, para a mulher que ama, para os amigos que ama. Um artista não pode ser só. Flexa, que fez sua primeira apresentação pública como jogador de futebol do Bahia, depois futebol de salão, salto triplice, salto de altura. Mas não era essa a dele, a arte atraiu mais e o que a dança exigia ele tem para completar. Hoje já fez sua passagem pelo Teatro, pelo cinema. Mas ele ainda está a fim só ou principalmente de DANÇA.

TRATANDO-SE DE FLEXA

Inteligência e corpo formam um novo artista. Tratando-se de Flexa, O Ballet Brasileiro da Bahia teve Flexa como partner de Tania Duran e Pamela Richardson. Tratando-se de Flexa, Bahia e África estão presentes na condição maior de irmãs.





FAROL DA BARRA

Compreende-se por Farol (da Barra) o trecho da Avenida Oceânica que vai do Barravento ao Forte de Santo Antonio da Barra, também a praia que se estende paralela ao mesmo trecho, e ainda o farol que marca a barra da baía de Todos os Santos. O forte coroa uma colina verdejante e o farol se aleita sobre ele e na colina crianças jovens senhores velhos descansam.

CÁPSULA ESPACIAL

sinta as emoções dos astronautas
anuncia-se.

Defronte ao edifício Oceania:

RESTAURANTE BOITE

BOLICHE BAR SAUNA

O forte está em reparos. Suas amuradas têm aproximadamente um metro e meio. O edifício Oceania tem nove andares e foi durante algum tempo o maior da Bahia e o primeiro do lugar. A construção do forte data de mil quinhentos e noventa e oito. Aos domingos de tarde

o chic chiqueiro da **paquera** das virgens casamenteiras. A famosa imagem de Santo Antonio que data do ano da construção do forte não fica mais no nincho na entrada "por que a porta fica aberta até às onze horas". A torre tem duas faixas brancas e três pretas encimada por vidros. A imagem está na residência de Mario Seixas que é a segunda pessoa do Comandante da Sinalização Náutica. Sol batendo batendo ondas batendo na barra mais barra. A entrada do forte—farol encimada por braço. A balastrada se continuando até até até. O edifício Oceania hoje velho e sujo. O mar mais demais azul dá vontade de se ser parnasiano. O anúncio era visto de quase toda a rota itapoânica. Os hippies enfeitam a paisagem cartão postal. A antiga sorveteria Oceania era famosa pelo coco-espumante. Os hippies ficam esperando carona para o paraíso Arembepé e Itapoã. Sim o cartão postal esteve nos meus olhos todo o tempo que estive no Farol. Sim os ricos não gostam de dar carona aos hippies porque se sentem em dúvida. Tem no forte



uma rampa coberta por uma arcada linda e contínua. As pedras as pedras da barra lembram Cláudio Manoel da Costa: "(...) oh quem cuidara/que entre penhas tão duras se criara/uma alma terna um peito sem dureza". Sim o sol transforma tudo em cartão postal. Contou-me uma boneca que pediu prá não dizer o nome que os machões ficavam com suas namoradas agarrados mas só se excitavam com a passagem das bonecas, nos domingos de tardinha. Tem umas barraquinhas onde se pode tomar água de coco gelada ou

natural pelo preço de um cruzeiro e cinquenta centavos. Nas noites de domingo havia um certo perigo provinciano na exibição de velocidade dos carros.

FAROL DA BARRA ARRE!

A vegetação agreste que nasce das pedras tem a beleza que só se vê em certos olhos que amarram rudes. O sol fazia um rebú nos meus olhos. É por você que eu vivo de Tim Maia vinha pelo radinho. Nas pedras mais ou menos doze pessoas pescavam.

Lembranças de quando ia namorar atrás do forte.

MARAVILHA MARAVILHA!

O farol teve recentemente um renascimento com a migração dos hippies do Pôrto prá lá. De segundo em segundo mudava o tom da paisagem. Ai Roberto Carlos no radinho de pilha como dois e dois. Carlos Seixas dos Santos nos levou prá ver a imagem de Santo Antonio da sala da residência do já referido Mario Seixas. Quatro velhas aparentando entre setenta e oitenta anos na sala estranhamente delas. "A imagem foi certamente restaurada". Fica num nincho fechado. Tem cerca de meio metro de altura. Nos esquecemos da fita métrica. Havia aos pés do Santo emoldurado um texto do qual recolhemos alguns trechos: "(. . .) no Forte de Santo Antonio, conhecido como Forte da Barra existe o nincho cavado na parede mais resistente e abrigada onde foi colocada a imagem. Seu primeiro registro só veio surgir em 1705 quando o governador Dom Rodrigo da Costa, a pedido do Senado da Câmara da Bahia expediu ordem datada de 16 de julho, dirigida ao Provedor-Mór Fazenda Real do Estado para que assentasse praça de capitão ao Santo Antonio da Barra, cujo soldo seria pago ao Síndico do Convento de São Francisco, que el-Rei aprovou por alvará de 7 de abril de 1707. Decreto Real de 13 de setembro de 1810 promoveu-o ao posto de Major e a 25 de novembro de 1814 foi, por Decreto Real, promovido à Tenente-Coronel da Marinha Brasileira (. . .)". O sol das cinco e quinze era um desbun na pedra que Fernando Jorge levou a gente prá ver a cruz de espuma. Lembrava da bacia banheira entre as pedras. Acho a praia um lixo. É já quase o por do sol: as casas brancas ficam róseas. No verão o farol só é aceso às seis e quinze.

Luciano Diniz

luz branca DE TARDE NA GRAMA

O Farol da Barra é antes de tudo um Forte. Pise na grama sorvete-se na calçada mantenha distância da porta principal da cápsula espacial ou precipite-se e sinta as mesmas

sensações dos astros náuticos. Olhe o baleiro que deitados os homens de negócios conversam sobre a avenida paralela. As babás descuidam das crianças enquanto tecem vestidos para as bonecas e Jerry Adriani encanta ligado no rádio portátil Pela Última Vez sucesso de 5o. lugar. Hippies mas nem tantos casais nos cantos. Cachorros acompanhados desde o Porto. Resolveram mudar de ares Fidelidades?

luz vermelha ENTREORIENTAÇÃO

O Farol semi porta verde aberta o escudo amarelo desenhado de traços altos que não vejo. Seis horas e degraus da tarde, uma ladeirinha ladrilhada e o pátio varanda que dá para o mar e brilho. Sofre reparos retalhos de telhas quebradas. É proibido subir para ver como se Orienta um navio que entra e sai do porto porta da baía de todos os nossos santos. Dez oito pessoas transam por ali moradores de salões amplos e claros Data de 1598 da mesma época de Santo Antonio guardado no interior de uma das residências no texto de lu diniz. As quatro e meia se é verão o sol é claro o farol se apaga para sempre ascender ao pé da noite fim da tarde vermelha. Duas senhoras me observam observando com o canto do olho olho um rádio forrado com um treco de tricô.

luz azul A CRUZ DE MAR

Na terra onde o mar não bate não batem ondas nas pedras em forma de braços de cruces descruificado um deus de nuvens salpicos de furor e calma. O Farol visto a fundo do mar me afoga outros pescam outros olham o sol. Um barco a vela apagada acabou de acabar de passar. O por do sol se põe e no porto um velho navio barato a vapor total. Nas águas parecem boiar restos de presentes. Luiz escreveu com giz seu nome nas pedras e eu terminei perdendo meus tamancos. Vou mimborá colhendo lilases flores do mato, que nascem entre o mar e a areia inesperadas como a última surpresa.

Carlos Ribas & Ribamar





vida pecadora quero envolverte, num abraço ardente
e abrasador, não ti direi nenhum verso,
ardente é meu desejo mau secreto, dislumbre quietude,
pecadora te amo, memorável sintomas
de alegrias, espelho liso, violeta quebrada, quebrado abraço
ti quero, como uma brilhante pérola negra,
ritinta alucinanti, violeto
explodiu o coração, seus olhos macios, ironias, secretas
esperanças nas Américas,
antes não descoberta, esse gêlo, esse brinde,
Tarântula nasceu só, um brinco
violeta pulseiras, assim caminha a humanidade, di sapatos.
Colombo descobriu a pérola perdida,
qui perdeu o brilho das caravelas da ousadia,
vê si mim entende, vê se mi ama,
ou então não me ame, pouca importa Américas,
tá perdida, não deixes de comprar o novo modelo,
não percas sua velocidade, corra, sempre, Americas tás vendidas 2 vinténs, um dólar
por um beijo. pecadora ti amo, ti quero,
America pérola negra, no fundo as caravelas foi pura poesia Colombo. Olha qui barato,
esse vapor de cachoeira me deixas...
me deixas lembro-me agora, me deixas, não me intendis não mi sabis, Americas Rica,
Magnifica, vendida. Pérola negra, vendidas,
ti quero envolverte num abraço ardente abrasador, com perfumi diágua di colonias
da baixa dos sapateiros. America, carissimos
chiquissimos, chiquérrimas,
águas de colonias, AH! America, voce si vendeu.
não mi deu nem um pouquinho...

VIDA PECADORA





O Verbo Encantado

ENCANTADO

ANO I

Número 17

Fevereiro de 1972



Transas administrativas: Ciomara Paim Couto / Transas comerciais: Tony Saback / Transas jurídicas: Luis Carlos Café / Redação: Álvaro Guimarães / Edição: Armindo Jorge Bião / Transam nas duas: Carlos Ribamar y Ribanceira e Luciano Diniz / Equipe: Nêgo Nízio, Athenodoro Ribeiro e Gumé Tavares / Transas musicais: José Cerqueira Filho e Marco Antonio / Reportagem: Nelson Rocha / Transas gráficas: Béu / Marca e logotipo: Vadinho Pacheco / O desenho da página central é de Gilson Rodrigues / O desenho para o Banquete é de Tião / Fotografia: Juca Gonçalves / Fotos de Ricardo Lisboa (Mercado do Ouro, N de Nós, Waly, Sonia Dias, Flexa e Farol da Barra), Deka (N de Nós), Arnaldo Medeiros (Waly), Eugénia Tereza (Gal) e Vadoca (Lídia) / Diagramação: Anísio Queiroz / O Verbo Encantado é impresso em off-set na Edisa, Editora da Bahia S. A. / Circula nos Estados da Bahia e Sergipe como encarte da edição de sábado da Tribuna da Bahia / Distribuído para o resto do Brasil pela Dijolir Distribuidora de Jornais, Livros e Revistas Ltda., Rua Clarisse Índio do Brasil, 32, telefone 246.7100 / Editado pela Alef Empresa Jornalística Ltda., Rua Visconde do Mauá, n. 53, casa 3 — telefone 2-2350 / Este Verbo é dedicado a Santo Antonio.